



ANAIS



# III CEPIAL

---

CONGRESSO DE CULTURA  
E EDUCAÇÃO PARA A INTEGRAÇÃO  
DA AMÉRICA LATINA

---

Semeando Novos Rumos

[www.cepial.org.br](http://www.cepial.org.br)  
15 a 20 de julho de 2012  
Curitiba - Brasil



ANAIS



# III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA  
E EDUCAÇÃO PARA A INTEGRAÇÃO  
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

## Eixos Temáticos:

1. INTEGRAÇÃO DAS SOCIEDADES NA AMÉRICA LATINA
2. EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO LATINO-AMERICANO:  
SUAS MÚLTIPLAS FACES
3. PARTICIPAÇÃO: DIREITOS HUMANOS, POLÍTICA E CIDADANIA
4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA
5. MEIO-AMBIENTE: QUALIDADE, CONDIÇÕES E SITUAÇÕES DE VIDA
6. CIÊNCIA E TECNOLOGIA: PRODUÇÃO, DIFUSÃO E APROPRIAÇÃO
7. POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL
8. MIGRAÇÕES NO CONTEXTO ATUAL: DA AUSÊNCIA DE POLÍTICAS  
ÀS REAIS NECESSIDADES DOS MIGRANTES
9. MÍDIA, NOVAS TECNOLOGIAS E COMUNICAÇÃO

[www.cepial.org.br](http://www.cepial.org.br)  
15 a 20 de julho 2012  
Curitiba - Brasil

ANAIS



**III CEPIAL**

CONGRESSO DE CULTURA  
E EDUCAÇÃO PARA INTEGRAÇÃO  
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

**Eixo 4**

**“CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA”**

[www.cepial.org.br](http://www.cepial.org.br)  
15 a 20 de julho de 2012  
Curitiba - Brasil

## 4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA

### MR4.1. Sociedade e Cultura de Fronteira

#### EMENTA

Esta mesa propõe-se a discutir fronteiras no Prata, contemplando diferentes temporalidades e espacialidades com enfoques voltados aos guaranis, às missões jesuíticas, aos migrantes dos séculos XIX e XX e às ideologias nacionalistas e de integração. Poderão ser trazidos ao debate estudos e reflexões que apontam para relações sociais transfronteiriças, para vivências à margem das intencionalidades oficiais e de discursos hegemônicos. A composição da mesa proposta atentou para a inserção interinstitucional, para a interdisciplinaridade e vínculos com programas de pós-graduação que trabalham com fronteiras.

Coordenador: Valdir Gregory – Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE - BRASIL)  
Carmen Curbelo: Universidad de la Republica Uruguay - (UDELAR - URUGUAY)  
Ernelo Schallenger – Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE – BRASIL)  
Jones Dari Goeter: Universidade Federal da Grande Dourados - (UFGD - BRASIL)  
Ricardo Carlos Abinzano: Universidad Autónoma de Misiones – (ARGENTINA)

#### RESUMOS APROVADOS

**PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL LATINO-AMERICANO: O TRADICIONALISMO E A IDENTIDADE GAÚCHA (autor(es/as): Ana Carolina Rios Gomes)**

**O RAP ENTRE FRONTEIRAS: PRÁTICAS ESTÉTICO-MUSICAIS LATINO AMERICANAS (autor(es/as): Angela Maria de Souza)**  
**REMANESCENTES DAS REDUÇÕES JESUÍTICAS DE NOSSA SENHORA LORETO E SANTO INÁCIO MINI NA PROVÍNCIA DO GUAIRÁ-1608-1639 (autor(es/as): BERENICE SCHELBAUER DO PRADO)**

**O CIRCUITO ROCKEIRO NA TRÍPLICE FRONTEIRA (autor(es/as): Franciele Cristina Neves)**

**A SOCIEDADE DE CONSUMO: ANÁLISES NA FRONTEIRA ENTRE BRASIL E PARAGUAI (autor(es/as): Luana Caroline Künast Polon)**

**Cortando a cerca: uma escola do campo frente a multiculturalidade contemporânea (autor(es/as): Lydia Maria Assis Brasil Valentini)**

**Movimento Hip-Hop como manifestação cultural: Uma análise do léxico de letras de rap em Foz do Iguaçu. (autor(es/as): RONALDO SILVA)**

**INTEGRALIZAÇÃO LATINOAMERICANA: AFIRMAÇÃO CULTURAL OU JOGADA IMPERALISTA? (autor(es/as): Victor Alves Pereira)**

**Sankofá- Abaeté: Construindo diretrizes, resgatando nossas raízes (autor(es/as): Vilisa Rudenco Gomes)**

**SAÚDE SEM FRONTEIRAS - REDE BINACIONAL DE SAÚDE NA FRONTEIRA BRASIL-URUGUAI (autor(es/as): Daniela da Rosa Curcio et alii.)**

### MR4.2. Apropriação, Usos do Território e Práticas Sociais Diferenciadas

#### EMENTA

Os trabalhos da presente mesa circunscrevem-se às pesquisas que vêm sendo desenvolvidas pelos participantes, que têm como referência diferentes sujeitos (quebradeiras de coco babaçu, quilombolas, ribeirinhos e trabalhadores rurais dentre outros) e práticas sociais, em distintos contextos. Os trabalhos explicitam diversos aspectos da problemática relativa à organização, apropriação e uso do território. O fio condutor das reflexões está referido às diferentes formas e estratégias utilizadas por esses sujeitos face às definições e redefinições recentes do território.

Coordenador: Joaquim Shiraishi Neto: Universidade estadual do Amazonas - (UEA - BRASIL)  
Luís Fernando Cardoso e Cardoso: Universidade Federal do Pará - (UFPA - BRASIL)  
Rosirene Martins Lima: Universidade estadual do Maranhão - (UEMA - BRASIL)  
Ana Paulina Aguiar Soares: Universidade estadual do Amazonas – (UEA - BRASIL)

**MEMÓRIAS DA GUERRA DO CONTESTADO- A CULTURA POPULAR ATRAVÉS DA RELIGIOSIDADE NO MONGE JOÃO MARIA DE JESUS EM MARILÂNDIADO SUL. (autor(es/as): Bruno Augusto Florentino)**

**DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E SUA INTERFACE NOS ASSENTAMENTOS RURAIS DO MUNICÍPIO DE ROSANA-SP (autor(es/as): CLEDIANE NASCIMENTO SANTOS)**

**REFLEXÕES ENTRE A MANUTENÇÃO DAS IDENTIFICAÇÕES RURAIS E A INFLUÊNCIA DAS MODERNIDADES NA VILA DO DISTRITO DE GUARAGI - PONTA GROSSA (PR) (autor(es/as): FABELIS MANFRON PRETTO)**

**ÍNDIOS, TAPUIOS E “CABOCOS”. CULTURAS E IDENTIDADES MARGINAIS NA MANAUS DE ONTEM E HOJE. (autor(es/as): PAULO MARREIRO DOS SANTOS JÚNIOR)**

**TOPOFILIA & TOPOFOBIA – TOPOCIDIO & TOPO-REABILITAÇÃO: A MERCANTILIZAÇÃO DA CULTURA EXPRESSA NO PATRIMÔNIO HISTÓRICO ARQUITETÔNICO E URBANÍSTICO DE DIAMANTINA-MG (autor(es/as): RAHYAN DE CARVALHO ALVES)**

**ARELAÇÃO SER HUMANO/NATUREZA – REFLEXÕES A PARTIR DE UM ESTUDO DE CASO. (autor(es/as): ROSANA BARROSO MIRANDA).**

### MR4.3. Territórios, Memórias e Identidades latino-americanas

As ciências humanas e em especial as sociais desenvolveram no século XX teorias e metodologias para compreender e explicar como se elaboraram concepções de territórios, memórias e identidades, sobretudo na produção intelectual latino-americana. Atualmente, os estudos de caráter socioambiental contribuem sobremaneira com esses avanços, especialmente se forem considerados os aportes da antropologia, da geografia cultural, da história, da psicologia social e da sociologia. Além de localizar esses avanços, é fundamental trazer para o debate os resultados das pesquisas realizadas com esses múltiplos enfoques entre as dimensões da natureza e da sociedade

Coordenação: Salete Kozel – Universidade Federal do Paraná - (UFPR – BRASIL)  
Maria Geralda de Almeida: Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade de Goiás - (IESA/UFG – BRASIL)  
Álvaro Luiz Heidrich: Universidade Federal do Rio Grande do Sul – (UFRGS – BRASIL)  
Sandra Valeska Fernandez Castillo: Universidad de Concepción - (CHILE)  
Alicia M. Lindon Villoria: Universidad Autónoma Metropolitana - (UAM – MÉXICO)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil

## 4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA

“OUTROS” IMAGINADOS: AS REPRESENTAÇÕES DOS CIDADÃOS LATINO-AMERICANOS SOBRE AS CIDADES PRÓXIMAS E DISTANTES (autor(es/as): **Carla Beatriz Santos Menegaz**)

100 Anos de História: Alguns Elementos Formadores da Identidade Cultural do Território do Contestado (autor(es/as): **FLAVIA ALBERTINA PACHECO LEDUR**)

Guimarães Rosa no labirinto chamado América Latina (autor(es/as): **iolanda cristina dos santos**)

Los lugares de Memoria como lugares de Aprendizaje, tres estudios de caso: Santiago de Chile y Medellín-Colombia” (autor(es/as): **Karen Andrea Vásquez Puerta**)

A FESTA KALUNGA DE NOSSA SENHORA DE APARECIDA: IDENTIDADE TERRITORIAL E REAPROXIMAÇÃO ÉTNICA ( autor(es/as): **Luana Nunes Martins de Lima**)

REPRESENTAÇÕES ESPACIAIS E SIMBÓLICAS: AS IDENTIDADES DAS FESTAS DO BOI-A-SERRA NO CENTRO-OESTE BRASILEIRO (autor(es/as): **Maisa França Teixeira**)

A construção do Patrimônio Cultural a partir do imaginário da população de Marechal Cândido Rondon - PR: um estudo sobre o lugar de memória Casa Gasa (autor(es/as): **Paulo Henrique Heitor Polon**)

A INFLUÊNCIA DO TURISMO NA VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL: O CASO DE SÃO LUÍS DO MARANHÃO (autor(es/as): **Saulo Ribeiro dos Santos**)

IDENTIDADE E FÉ NOS ASSENTAMENTOS RURAIS DE SERGIPE (autor(es/as): **Solimar Guindo Messi as Bonjardim**)

### MR4.4. Espaço, gênero e sexualidades na América Latina

#### EMENTA

A mesa redonda tem como objetivo realizar uma reflexão sobre as relações de gênero que envolvem o processo de organização social, econômica e cultural dos territórios da América Latina, evidenciando as hierarquias e desigualdades baseadas nos papéis sociais insituídos para homens e mulheres.

Coordenadora: Joseli Maria Silva - Universidade Estadual de Ponta Grossa – (UEPG - BRASIL)

Marlene Tamanini: Universidade Federal do Paraná – (UFPR - BRASIL)

Diana Lan: Universidad Nacional del Centro – (UNC - ARGENTINA)

Maria das Graças Silva Nascimento Silva: Universidade Federal de Rondônia – (UFR – BRASIL)

#### RESUMOS APROVADOS

A MARCHA MUNDIAL DAS MULHERES E A CULTURA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS CONTEMPORÂNEOS (autor(es/as): **ALEXANDRA PINGRET**)

PELOTÓN MARIANA GRAJALES: O OLHAR DA REVISTA MUJERES NO ANO DE 1971 (autor(es/as): **Andréa Mazurok Schactae**)

NA ARGENTINA TANGOS, NO BRASIL TRAGÉDIAS! LÁ MATRIMONIO IGUALITÁRIO, AQUI UNIÃO CIVIL (autor(es/as): **CHRISTOPHER SMITH BIGNARDI NEVES**)

ECONOMIA SOLIDÁRIA, RELAÇÕES DE GÊNERO E COLETADORES DE MATERIAL RECICLÁVEL: LIMITES E AVANÇOS (autor(es/as): **Edinara Terezinha de Andrade**)

As mulheres do tráfico e a violência de gênero (autor(es/as): **Fernanda Pereira Luz**)

ARTICULAÇÕES EM REDE NA AMÉRICA LATINA: O CASO DE CDDLA E “CATÓLICAS PELO DIREITO DE DECIDIR” NO BRASIL (autor(es/as): **Francine Magalhães Brites**)

OS SUJEITOS NA MARGEM DA CULTURA - CONFLITOS NOS ESPAÇOS EDUCACIONAIS LATINO AMERICANOS (autor(es/as): **Gustavo Luiz Ferreira Santos**)

Habilidades Sociais e Sexualidade: A construção Identitária na Adolescência (autor(es/as): **Priscilla de Castro Campos Leitner**)

AS UNIÕES HOMOAFETIVAS CONFORME O BLOCO DE CONSTITUCIONALIDADE E UMA PROTEÇÃO NORMATIVA GLOBAL: GARANTINDO DIREITOS HUMANOS (autor(es/as): **Rafael da Silva Santiago**)

POLÍTICAS PÚBLICAS DE INCLUSÃO E PERMANÊNCIA DE LGBT NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO ESTADO DO PARANÁ: UMA REFLEXÃO SOBRE SUAS APLICABILIDADES NO CONTEXTO DA EJA E PROEJA (autor(es/as): **Reinaldo Kovalski de Araujo**)

O MEDO NA CONSTRUÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ADOLESCENTES DO SEXO MASCULINO DA PERIFERIA DE DIFERENTES ÁREAS URBANAS DE PONTA GROSSA, PR (autor(es/as): **RENATO PEREIRA**)

### MR4.5. Sociedades Tradicionais: imagens, tempo, espaço e saberes sobre a natureza

#### EMENTA

Em sua interação com a natureza, com distintas conformações, as chamadas “sociedades tradicionais” ou as sociedades originárias, constroem, historicamente, em seu universo mental, imaginário e práticas ecoprodutivas, uma cultura própria que envolve o conhecimento e respeito aos ciclos e movimentos naturais, atribuindo significado à sua vida material e imaterial – aos espaços ou territórios de que fazem parte. Isso envolve ritmos de tempo diferenciados dos ritmos caracteristicamente produtivistas que regem as sociedades urbano-industriais, os quais se pautam, fundamentalmente, numa temporalidade cronometrada e aritmetizada – no tempo da fábrica. Contrapor essas diferentes culturas, em sua lógica própria, focalizando, particularmente, as imagens, ritmos temporais, territorialidades e saberes patrimoniais das “sociedades tradicionais” e/ou originárias, significa pensarmos numa política de futuro na qual se inscreva o grande legado que tais sociedades detêm no trato com a natureza, com base em sua cosmovisão, práticas e expressões culturais próprias, para a construção de novas formas societárias, numa síntese histórica, de futuros inéditos.

Coordenadora: Lúcia Helena de Oliveira Cunha: Universidade Federal do Paraná (UFPR – BRASIL)

Carlos Galano: Universidad Nacional de Rosario - (UNR- ARGENTINA)

Carlos Walter Porto Gonçalves: Universidade Estadual do Rio de Janeiro - (UERJ- BRASIL)

Liliana Porto: Universidade Federal do Paraná - (UFPR-BRASIL)

Arturo Argueta: Universidad Nacional Autónoma de México - (UNAM-MÉXICO)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil

## RESUMOS APROVADOS

### MULTICULTURALISMO, TURISMO E COMUNIDADES TRADICIONAIS: CAMPOS DE COEXISTÊNCIA E VIVENCIALIDADE? (autor(es/as): **Isabel Jurema Grimm**)

Seringueiros do Acre - Imaginário e Paisagem Cultural (autor(es/as): Janaína Mourão Freire).

AS PAISAGENS CULTURAIS DO/NO ESPAÇO FESTIVO DA COMUNIDADE ENGENHO II EM CAVALCANTE – GOIÁS: UM OLHAR À LUZ DA GEOGRAFIA CULTURAL (autor(es/as): **JORGEANNY DE FATIMA RODRIGUES MOREIRA**)  
RECONHECIMENTO DAS ICCAS (ÁREAS CONSERVADAS POR COMUNIDADES INDÍGENAS E LOCAIS) NAS POLÍTICAS DE CONSERVAÇÃO AMBIENTAL: DISCUSSÕES ATUAIS. (autor(es/as): **Luciene Cristina Risso**)

### MR4.6. História e Literatura na América Latina

#### EMENTA

Na produção historiográfica recente, a literatura vem surgindo como uma fonte que oferece importantes recursos de análise da sociedade. Incorporada solidamente no conjunto de inovações de fontes, métodos e problemáticas que há algumas décadas transformaram a experiência da pesquisa histórica, a literatura está presente hoje numa pluralidade de estudos que pretendem compreender o intrincado universo das experiências mais subjetivas de homens e mulheres. Na América Latina a literatura tem ocupado importante papel no movimento da sociedade. Seja ela abordada desde o ponto de vista da materialidade do livro, da localização social do escritor, de suas “redes de interlocução”, bem como numa análise dos significados do texto, das representações da realidade que ele traz. Pensar a América Latina desde o ponto de vista dessa relação é a reflexão central que norteia o debate aqui proposto

Coordenadora: Ana Amélia de Moura C. de Melo: Universidade Federal do Ceará (UFC - BRASIL)

Tracy Devine Guzman: Duke University of Miami – (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA)

Soledad Falabella Luco: Universidad Diego Portales – (UDP - CHILE)

Adelaide Maria Gonçalves Pereira: Universidade Federal do Ceará – (UFC - BRASIL)

Ivone Cordeiro Barbosa: Universidade Federal do Ceará – (UFC - BRASIL)

## RESUMOS APROVADOS

Cartas de Nova York - José Martí Correspondente (autor(es/as): **Amanda Leite de Sampaio**)

O TURISTA APRENDIZ, DE MÁRIO DE ANDRADE VERSUS EL ZORRO DE ARRIBA Y EL ZORRO DE ABAJO, DE JOSÉ MARIA ARGUEDAS – UMA APROXIMAÇÃO LITERÁRIA E SOCIOLÓGICA NO PANORAMA LATINO AMERICANO (autor(es/as): **CRISTIANO MELLO DE OLIVEIRA**)

O espaço da ficção na identidade em invenção e memória, de Lygia Fagundes Telles (autor(es/as): **Fernando de Moraes Gebra**)

Jorge Luis Borges e o Populismo Argentino (1946-1955) (autor(es/as): **Fernando de Moraes Gebra**)

Bahia 1860: o Brasil de Maximiliano (autor(es/as): **Flávia Silvestre Oliveira**)

OS INTELLECTUAIS E A NOVA ATENAS: Um estudo das representações nas obras dos literatos maranhenses no início da Primeira República (autor(es/as): **PATRICIA RAQUEL LOBATO DURANS**)

### MR4.7. - Interculturalidade, Identidades e Arte Latinoamericana.

#### EMENTA

A mesa propõe-se a discutir as questões anunciadas, do ponto de vista da crítica de arte e dos artistas, aqui representados por Hector Guido (teatro) e Pavel Egúez (artes plásticas). A partir do enfoque das políticas de subjetivação e suas interfaces (Suely Rolnik) e da interculturalidade que se acentua na resistência da arte em tempos globais, observada, sobretudo, nas zonas transitórias (Ticio Escobar), quer desencadear o debate sobre os recursos críticos e expressivos que se manifestam na arte atual da nossa América, frente ao “esteticismo brando” regido pelos mercados globais, que desvia o capital simbólico e gera territórios homogeneizados

Coordenadora: Mariza Bertoli – Universidade de São Paulo – (USP – BRASIL)

Maria José Justino: Escola de Música e Belas Artes do Paraná - (EMBAP-PR - BRASIL)

Ticio Escobar: Ministro da Cultura do Paraguai - (PARAGUAY)

Hector Guido: Diretor de Cultura de Montevideú - (URUGUAI)

Gustavo Pavel Egúez: Artista Plástico - (EQUADOR)

## RESUMOS APROVADOS

Entre balas e belas - Comunicação e Moda nas favelas cariocas (autor(es/as): **Alexandra Santo Anastacio**)

PAISAGENS CULTURAIS E FRONTEIRAS (autor(es/as): **Beatriz Helena Furlanetto**)

INDÍGENAS: ENTRE REPRESENTAÇÕES E DISCURSOS (autor(es/as): **Eder Augusto Gurski**)

DE LA CULTURA ORAL A LA DIGITAL: SABERES, MEMORIAS Y NARRATIVAS EN LA TRANSCULTURA. PERSPECTIVAS DESDE LA UNIVERSIDAD INDÍGENA DE VENEZUELA (autor(es/as): **Fabiana Anciutti Orreda**)

O ATOR E O GRUPO: DISCURSOS SOBRE O TEATRO FEITO NA UNIVERSIDADE (autor(es/as): **JEAN CARLOS GONÇALVES**)

FESTAS POPULARES E SUAS REPRESENTAÇÕES IMAGÉTICAS: LUGAR DE PROMOÇÃO DO PERTENCIMENTO E VALORIZAÇÃO DAS CULTURAS SUBALTERNAS. (autor(es/as): **Katia Maria Roberto de Oliveira Kodama**)

ASPECTOS DA ECONOMIA CRIATIVA NO MERCOSUL A Indústria Fonográfica como fator de aproximação entre Brasil e Argentina (2003 – 2011) (autor(es/as): **marcello de souza Freitas**)

SUSTENTABILIDADE CULTURAL: MANUTENÇÃO, CONSERVAÇÃO E DIFUSÃO DE PEQUENOS ACERVOS - RELATO DE EXPERIÊNCIA

(autor(es/as): **Rafael Schultz Myczkowski**)

FALA JUVENTUDE! UM ESTUDO SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE JUVENTUDE, CULTURA E LAZER (autor(es/as): Sandra Rangel de Souza)

O Autorretrato Ampliado (autor(es/as): **Terezinha Pacheco dos Santos Lima**)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil



## REFLEXÕES ENTRE A MANUTENÇÃO DAS IDENTIFICAÇÕES RURAIS E A INFLUÊNCIA DAS MODERNIDADES NA VILA DO DISTRITO DE GUARAGI - PONTA GROSSA (PR)

PRETTO, Fabelis Manfron <sup>1</sup>, [fabelis@bol.com.br](mailto:fabelis@bol.com.br)  
LOMBARDI, Anna Paula<sup>2</sup>, [ap.lombardi@bol.com.br](mailto:ap.lombardi@bol.com.br)  
MONASTIRSKY, Leonel Brizolla <sup>3</sup>, [leonel@uepg.br](mailto:leonel@uepg.br)

**PALAVRAS-CHAVE:** distrito, rural-urbano, campo-cidade, identidade

### RESUMO

O presente trabalho apresenta uma reflexão sobre a identidade dos moradores da vila do Distrito de Guaragi, no município de Ponta Grossa – PR. Os moradores da vila do distrito tem uma identificação com seu cotidiano calcado no modo de vida rural e recebem influência de "modernidades" oferecidas graças à proximidade com os núcleos urbanos e com a mídia. A vila distrital pode ser, portanto, considerada um espaço híbrido, de transição entre rural e urbano, onde há o processo de aculturação para os moradores locais. Isso se reflete na identidade dos indivíduos que ora se identificam com o modo de vida rural, ora com o modo de vida urbano, e o espaço da vila do distrito apresenta essa especificidade na apropriação do território. Os procedimentos metodológicos dessa pesquisa foram utilizados de literatura já produzida intra e extra "muros" relacionada à questão. Num segundo momento, aprofunda-se a investigação através de pesquisa qualitativa junto aos "sujeitos" deste processo. Assim, a pesquisa terá como pressuposto a análise da manutenção da cultura local e rural frente às modernidades vindas do contato com a cidade e o urbano.

### INTRODUÇÃO

O debate entre o que é urbano e rural, cidade ou campo é um tema antigo para diversas áreas do conhecimento. Contudo, com as rápidas transformações e a articulação intensa entre o território rural e urbano, surgem novas formas de organização espacial "[...] os limites e distinções entre cidade e campo se esvaecem, à medida que novas formas de assentamento são produzidas e que as relações e articulações entre urbano e rural se acentuam" (SPOSITO; WHITACKER, 2010, p.9).

Cidade e campo têm relações sociais distintas, que ora são complementares ora dicotômicas, e a aproximação entre esses dois espaços, intensificada - com o processo de globalização - proporciona características diferenciadas a essas relações. Com a

---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia – Gestão do Território – Universidade Estadual de Ponta Grossa.

<sup>2</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia – Gestão do Território – Universidade Estadual de Ponta Grossa.

<sup>3</sup> Profº Drº do Programa de Pós-Graduação em Geografia – Gestão do Território – Universidade Estadual de Ponta Grossa.



aproximação cada vez maior entre o campo e a cidade, não há como considerar esses dois espaços separados e, para os moradores dos distritos surgem novas formas de comportamento que ocorrem por influência desse contato – que tanto pode ser harmonioso, quanto conflitante. Mesmo o campo sendo considerado espaço subordinado e complementar à cidade, não pode ser considerado como um espaço a parte, mas sim com novas configurações e identidades, onde os significados estão sendo alterados pelo contato com o urbano.

A cultura, que é criada nas ações que ocorrem com os sujeitos sobre o espaço e caracteriza o conjunto dos conhecimentos, práticas e ações dos sujeitos, não pode ser considerada como pronta, pois está sempre em construção, sendo constantemente alterada segundo o contato com novas culturas e também pelas novas necessidades que os indivíduos apresentam com o passar do tempo.

Como resultado das relações sociais a cultura é formada na relação entre indivíduos com personalidades e contextos sociais e históricos diferentes, é dinâmica, está em constante movimento, mudança. O contato entre diferentes grupos, diferentes indivíduos e as próprias mudanças internas dentro de um sistema cultural são fatores que possibilitam o constante processo de construção, reconstrução e renovação de uma cultura.

Esse movimento de aproximação entre indivíduos leva traços culturais de um grupo a outro. A aculturação caracteriza essa troca de informações culturais que modificam a cultura dos grupos envolvidos. Não há, todavia a eliminação das culturas relacionadas, pois há um movimento de troca, que pode ser desigual, mas não existindo um grupo que apenas recebe e outro que passa a informação.

As culturas se desenvolvem numa sociedade onde as classes sociais sempre existiram. Assim sendo, as relações sociais também são desiguais e resultam em hierarquias culturais. Há grupos e indivíduos que ocupam posição social, política e econômica superior, e são produtores da cultura dominante, imposta aos dominados, que podem ou não aceitá-la. A cultura produzida nas cidades é por vezes vista como superior e melhor que a do campo, denotando fascínio sobre os moradores da zona rural. Porém, nos grupos dominados há uma efervescência de criatividade, onde são reinterpretados os signos e símbolos da cultura dominante.

Com a globalização, as tecnologias se difundem mais rapidamente e com maior abrangência, atingindo muitos indivíduos e praticamente todos os lugares, contudo, não de forma homogênea. Penetram o cotidiano dos indivíduos e alteram sua forma de agir e



pensar, dando novo significado aos espaços, mas, ao mesmo tempo, reafirmando seus valores.

A identidade do sujeito, construída constantemente nas trocas sociais entre os indivíduos, e que anteriormente, era construída sobre bases estáveis, num processo de mudanças lentas, na contemporaneidade é fluída, dinâmica, e os indivíduos tem de se adaptar a um processo de identificação rápido, dependente da situação a que é confrontado. Assim, ao receber constantemente novas informações, novos sistemas de significações e representações culturais, o indivíduo é confrontado por uma variedade de novas identidades, e pode ora identificar-se mais com uma ora com outra.

As modernidades<sup>4</sup> vão se instalando nos mais diversos lugares, sendo levadas principalmente pela mídia, pela facilidade de acesso e pelo aumento das necessidades de consumo de produtos e bens não encontrados no lugar de vivência. Com a pós-modernidade e o acesso às redes - infraestruturas que permitem troca de informação, produtos, energia e também onde ocorrem trocas de mensagens, valores, pensamentos - as trocas são dinamizadas, a informação circula de maneira rápida e permanente, sendo quase instantânea e chegando a praticamente todos os lugares.

Com as novas configurações territoriais entre campo e cidade, alguns espaços podem ser considerados híbridos culturais, ora identificando-se mais com a cultura rural, e com um tempo mais lento, ora com a cultura urbana, e com o tempo rápido, e, frequentemente, com o desejo por adquirir certos bens e também novos hábitos. Desta forma, esse trabalho também analisa essa relação dialética entre os hábitos locais e o anseio dos moradores da vila do distrito de Guaragi em adquirirem serviços e produtos que não são encontrados na zona rural.

Os distritos municipais constituem uma forma de organização inter-escalar, com a finalidade de melhor administração, permitindo ao Poder Público ações pontuais. As vilas distritais – geralmente as sedes dos distritos - apresentam especificidades que devem ser consideradas, principalmente por possuírem características tanto rurais quanto urbanas.

Segundo IBGE (2010) o município de Ponta Grossa-Pr, possui cinco distritos: o distrito sede; Piriquitos, que está vinculado à malha urbana; Itaiacóca, Uvaia e Guaragi que estão afastadas do perímetro urbano. O distrito de Guaragi foi escolhido para esse estudo por apresentar maior concentração populacional; está localizado a 32 km da zona urbana de Ponta Grossa, com acesso (pavimentado) pela PR 151 e 438. Conta com

---

<sup>4</sup> A partir da perspectiva de Monastirsky et al (2009, p. 3) que o termo “modernidades” para “indicar a aquisição e/ou aproximação de produtos e serviços que apresentam a simbologia das inovações tecnológicas que permeia as mudanças constantes, rápidas e permanentes da sociedade capitalista industrial”.



população de aproximadamente 2936 habitantes, sendo desses 1241 moradores da vila e 1695 moradores da área rural.

### **Identidade cultural e território: conceitos e reflexões sobre a identificação do sujeito**

Os moradores da vila do distrito de Guaragi têm laços de afetividade com o local onde vivem. Essa identificação dos sujeitos com os locais onde vivem, pressupõe ligação com a história do lugar, dando a ele significações especiais, o sentimento de pertença a esse espaço e compromisso com sua manutenção e melhoria.

A cultura pode ser vista com fundamental importância para tratar da relação do homem com o meio e das relações sociais que se estabelecem no espaço geográfico. Através das relações sociais que os indivíduos mantêm e o contexto histórico, político e econômico que vivencia, a cultura deve ser analisada como em constante transformação, moldando-se as necessidades atuais dos atores sociais, agregando fatores, substituindo-os, incorporando as novidades, refutando-as, criando e recriando significados para as coisas e espaços. Segundo Claval (2007, p. 89):

A cultura é indispensável ao indivíduo no plano de sua existência material. Ela permite sua inserção no tecido social. Dá uma significação a sua existência e a dos seres que o circundam e formam a sociedade da qual se sente membro. Ela não desempenha o mesmo papel nos diversos momentos da vida. (CLAVAL, 2007, p. 89)

A cultura é uma das formas pela qual o sujeito apropria-se do espaço, estabelecendo sobre ele relações sentimentais e políticas. Nos seus hábitos o indivíduo expressa a forma como vive, pensa e interage com a sociedade, e é possível identificar a herança cultural que trás em si. Formam-se então as realidades e os signos criados para expressão dessa cultura. Para Claval (2007, p.63):

A cultura é a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em uma outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte. A cultura é herança transmitida de uma geração a outra. Ela tem suas raízes num passado longínquo, que mergulha no território onde seus mortos são enterrados e onde seus deuses se manifestaram. Não é portanto um conjunto fechado e imutável de técnicas e de comportamentos. Os contatos entre povos de diferentes culturas são algumas vezes conflitantes, mas constituem uma fonte de enriquecimento mútuo. A cultura transforma-se, também, sob o efeito as iniciativas ou das inovações que florescem no seu seio. (CLAVAL, 2007, p. 63)



Por viver em um mesmo espaço, os indivíduos tendem a apresentar os mesmos rituais cotidianos, valores semelhantes e um mesmo sentimento de apego e pertencimento a determinado espaço, compartilhando das mesmas formas de vestir, dos mesmos horários, mesma forma de alimentação, enfim, os mesmos hábitos. O conjunto de representações, conhecimentos, atitudes e práticas são transmitidos aos descendentes.

Contudo, a partir da sua história, do seu dia-a-dia, das suas experiências, o indivíduo agrega à sua cultura novidades. A cultura proporciona também, na história do sujeito, uma carga emotiva e como afirma Santos (2006, p. 52-53) “[...] existe um agir simbólico, que não é regulado por cálculo e compreende formas afetivas, emotivas, rituais, determinadas pelos modelos gerais de significação e de representação” e Claval (2007, p. 81) “Cada cultura caracteriza-se por um sistema original de representações e de construções intelectuais. Isto não ocorre sem influência sobre a afetividade e sobre a atividade.”

Por coabitar num mesmo espaço e pela divisão dos mesmos códigos, criam-se vínculos de amizade e participação, que ligam as pessoas não somente umas as outras, mas também, através de suas memórias, a um lugar repleto de sentimento de pertencimento, de apego, onde os membros desse grupo tiveram, em algum momento de suas vidas, experiências ocorridas num mesmo espaço, como por exemplo casarem-se em uma mesma igreja, uma festa popular, a frequência na mesma escola, os bailes no clube da cidade, etc.

Como há uma diversidade de grupos culturais, o indivíduo sente a necessidade de pertencer a um grupo, e isso se dá através da identidade, ou identificação – já que é um processo dinâmico, em constante mudança- com um grupo. Formada num jogo de lutas, a identidade é que diferencia os grupos, os indivíduos, que podem adotar uma identidade sólida de poucas mudanças, ou identidades fragmentadas que se adequem a rápidas mudanças do sistema social.

Para Cucho (1999, p.23) a identidade é uma forma de vinculação do sujeito com o grupo que pertence, e é caracterizada por um conjunto de vinculação às diferentes classes que o indivíduo pertence – sexo, gênero, idade, nação, classe social – e permite que ele se localize dentro de um sistema social e seja reconhecido como pertencente a esse grupo. Seria assim, uma forma de diferenciar um grupo de outro. Todavia, como



essa identidade está em constante construção e reconstrução, seria apropriado, portanto, utilizar o termo identificação.

A identidade que é formada pela relação do sujeito com suas próprias experiências e com o contato com o mundo e com a sociedade, a identidade como afirma Hall “[...] é formada na interação do eu e a sociedade. Sujeito com núcleo interior “eu real” e modificado no contato com [...] os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem”. (HALL, 2006, p. 11).

O viver diário, a construção de sua história, o sentimento de pertencimento ao lugar, o viver num grupo faz com que o sujeito tenha uma identificação, como é visto na vila do distrito. A identidade é formada entre os contrastes da sociedade da qual o indivíduo pertence, e das suas experiências e para Claval (2007, p. 98) “A identidade é de uma só vez individual e coletiva”. O sentimento de identidade torna possível aos indivíduos que pertencem a um grupo manter suas especificidades, ao entrar em contato com membros de outros grupos culturais, pois o sujeito expressa através da sua identidade a sua própria pessoa – construída com base na vivência em determinado espaço e com os demais indivíduos da cultura que pertence -, a conformidade com o grupo do qual participa e o respeito por sentimentos e comportamentos comuns que o ‘costuram’ à estrutura sócio-cultural, ao mundo real.

Para Corrêa (2003, p.32), é necessário compreender os significados dos saberes, técnicas e crenças de um grupo, pois estes nas representações e práticas dão sentido à vida de um grupo. Segundo esse autor, os sistemas de significados se concretizam na organização social e espacial, estruturam e modelam as relações sociais e ainda, a forma de experiência, entendimento e interpretação do espaço. Para Corrêa, os grupos sociais atribuem significados aos objetos e ações, segundo o espaço temporalidade, em seus processos de existência. Esse conjunto de significados, de técnicas e saberes forma a cultura.

Os moradores da vila do Distrito de Guaragi, também apresentam a sua cultura e uma identificação. Contudo, a identidade pode ser por vezes questionada, pois não é imutável. Pode alterar-se segundo as necessidades que vão surgindo com as novidades que chegam aos indivíduos, sendo adaptada, recriada, mantida em certos aspectos, segundo o que exigem as novas configurações econômicas, políticas e socioculturais. A identidade pode resistir ao tempo, mas recebe constantemente a carga de novas motivações que chegam ao sujeito.

Assim, se percebe que a identidade e a cultura dos indivíduos que moram na vila do distrito recebem gradativamente cargas de novidades. Algumas são incorporadas no



cotidiano e refletem novos hábitos para as famílias, como horários específicos para assistir programas de televisão, ou o uso de aparelho celular, de internet, sem, todavia deixarem de lado hábitos já estabelecidos como horários de refeição para a família se encontrar ou o uso do fogão de lenha, e o cultivo de hortaliças para a alimentação.

O espaço habitado e vivido pelo sujeito sempre esteve intimamente ligado com a formação da sua identidade cultural. Para Claval (2007, p. 183) “[...] as culturas podem coabitar nos mesmos lugares, interpenetrarem-se e cruzarem-se sem perder suas especificidades.” É assim que pode-se perceber a cultura do morador da vila do distrito, que mantém hábitos rurais e agrega no seu dia-a-dia, novos hábitos tipicamente urbanos.

O espaço onde se desenvolve uma identificação e que é apropriado por um grupo de atores sociais, tornando-se palco de sua produção e experiências, adquire um valor de uso, dado por esse grupo, que sobre ele desenvolve controle simbólico. Dentre as relações que se estabelecem em um espaço, as relações de poder são muito significativas. Um espaço apropriado por sujeitos que dão a ele uma série de significações, dotado de relações de poder é um território.

O território é dotado de conotação material e simbólica, apropriado por sujeitos - que dão a ele uma série de significações-, socializado e carregado de signos e poderes políticos, e ainda permeado por relações econômicas. Pode ser um espaço fragmentado que une campo e cidade, formando territorialidades. Segundo Montes (2006, p.38) a territorialização é um processo de domínio de poderes e apropriação simbólica-cultural dos territórios, que pode se dar através de imagens e mitos e se forma quando o indivíduo se sente parte de um território.

A condição técnica-informacional de um local influencia na formação da identidade cultural dos indivíduos e também na representatividade que um local apresenta. Espaços com maior arcabouço técnico-científico têm maior poder. A cidade é o espaço que concentra em aspectos econômicos, sociais, políticos, culturais e simbólicos com maior densidade, apresentando-se com certa hegemonia. Contudo, o dinamismo social e econômico vem trazendo novas formas de configuração territorial. Com essa nova configuração ocorre uma revalorização do lugar.

O território pode ainda ser visto por determinadas formas de percepção do espaço pelas estruturas físicas que apresentam e marcam o cotidiano das pessoas. Segundo Proulx (1997) citado por Wanderley (2000, p.117)

Para os indivíduos e as organizações, o território se inscreve sob a forma de marcos, tais como os *lugares* (rios, montanha, vale, planalto, floresta, mercado tradicional etc.), os *trajetos* (de caça, trabalho, defesa, esporte, lazer etc.),



os *símbolos* (lutas, heróis, criações, produção), as *estruturas fundiárias* (obras, construções, pontes, portos, arquitetura etc.), os *equipamentos coletivos* (moinhos, hospitais, escolas, campos de futebol, áreas de jogo, centros comunitários, salas de espetáculos etc.), que marcavam antes e ainda marcam o cotidiano vivido. (PROULX, 1997, apud WANDERLEY, 2000, p. 117)

E ainda segundo Proulx (1997) citado por Wanderley (2000, p.117)

E ele acrescenta: “o território aparece, assim, como o receptáculo da memória coletiva dos indivíduos, das famílias, dos clãs, das tribos, das organizações e das comunidades. Esta herança deve servir de base ao analista, porque não se pode compreender a situação atual de um território sem se referir a seu passado e não se pode compreender a realidade atual de um país sem se referir ao passado de seus territórios.” (PROULX, 1997, apud WANDERLEY, 2000, p. 117)

Assim sendo, o domínio sobre um território se dá em diferentes escalas de poder e também pelas diferentes densidades técnico-científicas, apesar de que as novas dinâmicas sociais novas configurações territoriais estejam se formando e mudando a conformação das relações de poder entre os espaços geográficos e os grupos sociais que neles vivem como as relações entre campo e cidade.

### **O distrito: território interescalar**

Os distritos são espaços interescares, locais de limite e encontro entre a cidade e o campo, entre o urbano e o rural – aqui se trata dos distritos rurais, que não estão vinculados a malha urbana dos municípios. Na vila do distrito de Guaragi, ocorre a interação entre o presente e o passado, entre o moderno e o tradicional.

No Brasil, o termo distrito é utilizado para designar uma divisão territorial dos municípios. São criados com a finalidade de que o Poder Público municipal possa melhor atender as necessidades dos moradores desses locais. Estão subordinados, portanto, ao poder do município. A sede dos distritos são as vilas, onde geralmente há uma concentração de moradores, considerados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) como moradores urbanos, indiferente da sua identificação como urbanos ou rurais.

O debate entre o que é cidade e campo, e urbano ou rural é muito presente nas ciências. Contudo, com as mudanças que ocorreram nas formas de organização do espaço nas últimas décadas, novas considerações têm sido tecidas sobre esses temas. Para o IBGE, um município é formado pelo conjunto de zona rural e zona urbana, sendo considerada rural toda a população e domicílios encontrados fora do perímetro urbano e,



urbano as pessoas e domicílios que se encontram no perímetro urbano, as vilas (sedes de distrito) e áreas urbanas isoladas.

Segundo Sposito e Whitacker (2010) com as rápidas transformações que ocorrem na forma de organização espacial, novas formas de assentamento humano são produzidas, se articulando de forma diferente o rural e o urbano “[...] os limites e distinções entre cidade e campo se esvaecem, à medida que novas formas de assentamento são produzidas e que as relações e articulações entre urbano e rural se acentuam” (SPOSITO; WHITACKER, 2010, p.9).

A cidade pode ser compreendida como centro urbano, como uma materialização arquitetônica, ou ainda, como lugar que concentra a sede do poder produtivo, religioso, político, entre outros. Segundo Bernardelli (2010) a cidade deve ser abordada

[...] como meio, condição e produto da sociedade, tendo em suas formas a manifestação concreta das contradições sociais presentes e sendo seu conteúdo a expressão dessas contradições. A concepção do urbano extrapola a própria cidade, consubstanciando-se na relação cidade-campo, tendo na divisão técnica, social e territorial do trabalho a sua base. (BERNARDELLI, 2010, p. 33)

Na cidade o tempo é mais rápido, e as pessoas têm suas vidas cronometradas. Segundo Santos (2006, p.143), cada lugar pode ser distinguido pela sua diferença de temporalidades, cada tempo ganha sua concretude com a interpretação na vida ativa dos agentes sociais, e as temporalidades caracterizam a forma de ocupação e vivência do espaço de um determinado lugar.

O tempo do campo é tido como mais lento. O campo foi por muito tempo considerado espaço de atraso, arcaico, onde as condições mínimas de vida são conseguidas através de grande esforço. Também considerado espaço de tranquilidade, de contato com a terra, de paisagens mais naturais. Contudo, o campo passou a desenvolver atividades que anteriormente eram típicas das cidades – por intermédio do maior contato com informações, da proximidade geográfica desses espaços e da facilidade de acesso através do desenvolvimento do sistema de transportes – e bens de consumo e símbolos urbanos foram integrados ao cotidiano dos moradores do campo, principalmente quanto as atividades de lazer, prestação de serviços mais especializados e mercadorias, dando ao campo características urbanas e de modernização.

Campo e cidade são interdependentes, e cada vez mais, o urbano “invade” o rural. São territórios que mantêm relações técnicas, históricas e culturais e sofrem influência de forças políticas, econômicas e das forças hegemônicas globais e locais.



O rural e o urbano podem ainda ser considerados como modos de vida. Porém, o rural extrapola o campo, e o urbano extrapola a cidade. Para Endlich (2010, p. 19) “O rural e o urbano [...] são dimensões sociais produzidas no decorrer da história”, e são incorporados ao sistema de vida do sujeito. Segundo Lemes et. al. (2009) “[...] urbano e rural não é somente um modo de produzir, mas também um modo de consumir, de sentir, um modo de viver.”

Segundo Endlich (2010, p. 19) o modo de vida urbano se concretiza além da cidade e por meio “do encantamento em relação às influências que estas exercem por meio do poder de suas instituições e personalidades, através de instrumentos de comunicação e transportes”. O modo de vida urbano invade o campo e o despoja de determinados elementos que eram característicos a esses espaços ou lhes atribuem novos valores e funções, sendo que o modo de vida rural se adapta a essas novidades ou as adapta a seu modo. Portanto, o maior contato entre rural e urbano, entre cidade e campo não determina que esses espaços passem a ser iguais, ou que o urbano aos poucos acabe com o rural. Para Bagli (2010, p.82)

Embora transformações apontem aparentemente para a homogeneização dos espaços, em virtude da difusão de características comuns, a intensificação das relações se estabelece justamente pela manutenção das peculiaridades. Os espaços ampliam suas inter-relações, porque as diferenças existentes em cada um deles favorecem a busca pelo outro como tentativa de suprimir possíveis ausências. (BAGLI, 2010, p. 82)

O modo de vida urbano exerce um tipo de encantamento sobre os moradores do campo, e se apresenta a eles de diversas maneiras e por diferentes motivações, segundo Endlich (2010, p. 20) “Assim, o modo de vida urbano estende-se até os limites geográficos alcançados pelos interesses, ações e conteúdos presentes nas cidades.” e para Whitacker (2010)

A realização da produção se dá só através do consumo e se realiza na cidade, embora o consumo possa ser também o *da cidade*, através de signos e símbolos urbanos e o consumo também se traduza em desejos e necessidades, sendo que o primeiro é, ideologicamente, travestido no segundo. (WHITACKER, 2010, p. 150)

Para Bernardelli (2010, p. 48) “A vida rural é associada, geralmente, com uma expressiva valorização da comunidade, valores de vida da família e também ao papel importante da religião.” Na vila do distrito, é comum encontrar pessoas fazendo visitas aos amigos e vizinhos, para conversar e formar uma roda de chimarrão. Contudo, também é possível perceber que esse grupo é composto na maioria por idosos ou mulheres desempregadas, já que cabe aos mais velhos cuidar dos netos - pois na vila não há



creche - enquanto os mais jovens vão para a cidade trabalhar. As mulheres têm dificuldade de achar emprego na vila e trabalham nos centros urbanos próximos, enquanto os homens trabalham em fazendas vizinhas ou em outros municípios. Os moradores da vila dão muito valor a momentos com a família e geralmente estabelecem moradia próxima aos pais e tios, e a religiosidade causa a proximidade das pessoas já que se encontram nas celebrações.

O morador da vila interage com diversos espaços: a vila, onde estabelece suas ligações familiares, constrói sua casa, geralmente próxima aos parentes, e onde tem suas relações de amizade, de emprego, de religiosidade; com a cidade de Ponta Grossa, onde procuram a maioria dos bens e serviços que não encontram na vila – saúde, educação, entretenimento; com os municípios vizinhos, onde trabalham, estudam, ou também buscam bens e serviços que não são disponibilizados na vila. Todavia, apesar de manterem vínculos frequentes com os espaços urbanos são preservados hábitos e costumes tipicamente rurais, refletidos na paisagem e na vivência dos sujeitos. Assim, segundo Kaiser (1990) citado por Wanderley (2000, p. 88)

O “rural” é um modo particular de utilização do espaço e de vida social. Seu estudo supõe, portanto, a compreensão dos contornos, das especificidades e das representações deste espaço rural, entendido, ao mesmo tempo, como espaço físico (referência à ocupação do território e aos seus símbolos), lugar onde se vive (particularidades do modo de vida e referência identitária) e lugar de onde se vê e se vive o mundo (a cidadania do homem rural e sua inserção nas esferas mais amplas da sociedade). (Kaiser, 1990 p. 13 citado por WANDERLEY, 2000, p. 88)

Com as novas configurações territoriais, o rural não pode ser visto como oposição, mas sim na relação que tem com a cidade, e não pode ser mais explicado somente pela atividade agrícola que gera um maior contato com a terra, já que surgem cada vez mais no campo profissões e atividades que são tipicamente urbanos. A ruralidade seria a forma de expressão da identidade rural, representando quais hábitos, costumes, sistemas de valores e formas de vivência cotidiana estariam atrelados à formação da identidade do sujeito rural.

O sentimento de identidade permite aos indivíduos de um grupo manter suas especificidades, quando entram em contato com membros de outros grupos culturais. Segundo Claval:

Como a construção do eu e o vigor dos sentimentos de identidade tornam impossível a adoção de várias atitudes, crenças ou hábitos, as culturas podem coabitar nos mesmos lugares, interpenetrarem-se e cruzarem-se sem perder suas **especificidades**. (CLAVAL, 2007, p.183, **grifo do autor**)



Quando os moradores do campo entram em contato com o estilo de vida urbano, podem permitir que alguns ou muitos símbolos, valores, hábitos e rituais da vida urbana passem a fazer parte do cotidiano, mas são mantidas as suas especificidades.

A relação que se estabelece entre o urbano e o rural pode resultar em novas práticas e representações para todos os sujeitos que vivenciam esse contato, sobretudo no que diz respeito às formas de ocupar e viver o espaço, as temporalidades, as condições e características do trabalho, os valores familiares.

Com o contato entre a cidade e o campo, intensificado com o acesso facilitado pela evolução dos meios de transporte e acesso aos meios de telecomunicação, o consumo de bens e serviços urbanos pela população rural aumentou, e através da difusão de técnicas e de hábitos de origem urbana, a distinção entre campo e cidade tem sido reduzida gradativamente nas últimas décadas.

Neste sentido, a cultura não é algo permanente e imutável, durante a história de uma sociedade ela será colocada, por diversas vezes frente a novas culturas, e as identidades culturais dos sujeitos poderão receber influência desses contatos. Na vila do distrito de Guaragi se percebe as mudanças que são inseridas no cotidiano e, portanto, na cultura do morador da vila, quando hábitos e costumes são agregados ao dia-a-dia e alterados por influência do contato com o urbano. Segundo Claval (2007):

A emergência de uma identidade cultural é um produto da história e o grupo que daí resulta pode ser um dia questionado e atravessado por novas linhas de cisão. As configurações culturais não ficam congeladas. Há momentos em que os valores até então aceitos são criticados, porque não correspondem mais aos imperativos da vida econômica ou as necessidades da vida de relações. As técnicas mudaram. Os valores tradicionais convinham bem a um universo rural, onde a vida local predominava. Para estruturar as sociedades ampliadas, fazem-se necessárias outras motivações. (CLAVAL, 2007, p. 183-184)

Porém, nem todas as novidades que chegam são agregadas a cultura já existente. Algumas são aceitas de maneira integral, outras são reformuladas, ou readequadas às necessidades do grupo naquele momento e segundo seus desejos. Para Santos (2006):

A cada momento, cada lugar recebe determinados vetores e deixa de acolher muitos outros. É assim que se forma e mantém a sua individualidade. O movimento do espaço é resultante desde movimento dos lugares. Visto pela ótica do espaço como um todo, esse movimento dos lugares é discreto, heterogêneo e conjunto, " desigual e combinado". (SANTOS, 2006, p. 87)

Haveria assim uma continuidade entre os espaços rurais e urbanos e que nas últimas décadas as disparidades entre eles foram reduzidas, mas que é necessária uma



abordagem mais específica entre esses dois espaços, baseando-se nas relações sociais. Assim, as diferenças são mantidas e é possível reconhecer que há um reforço nas identidades diferenciadas para esses dois espaços e que há um sentimento de pertencimento ao lugar, para o morador urbano e o rural. É sobre essa base que a cultura afirmaria a existência de uma identidade rural baseada no sentimento de pertença a um lugar.

Segundo esse conceito Carneiro (1998, p.58) afirma que:

Nessa perspectiva, as transformações na comunidade rural provocadas pela intensificação das trocas com o mundo urbano (pessoais, simbólicas, materiais...) não resultam, necessariamente, na descaracterização de seu sistema social e cultural como os adeptos da abordagem adaptacionista interpretavam. Mudanças de hábitos, costumes, e mesmo de percepção de mundo, ocorrem de maneira irregular, com graus e conteúdos diversificados, segundo os interesses e a posição social dos atores, mas isso não implica uma ruptura decisiva no tempo nem no conjunto do sistema social. (CARNEIRO, 1998, p. 58)

Com o estabelecimento de uma cultura de massa, o processo de globalização onde as distâncias ficam mais curtas, graças ao desenvolvimento de um sistema de telecomunicações de alta tecnologia e da melhoria dos sistemas de transporte - cria uma homogeneização cultural, mas também o reforço das identidades locais.

Característica da globalização, a identidade partilhada é o querer consumir os mesmos espaços, como o campo, que está sendo transformado em espaço de consumo, que deve ser preservado com todas as suas características e peculiaridades, considerado ideal para viver pela tranquilidade e pelos sentimentos de bucolismo sentido pelas pessoas. Isso mostra o caráter da globalização de criação de nichos de mercado e da especialização de espaços que valoriza características locais, na forma como um local se diferencia dos demais, seja pelo sentimento que é capaz de causar, ou pelo consumo da cultura que pode ser feito nele. Há, portanto, um reforço das identidades locais graças à globalização.

Contudo, a globalização não atinge de maneira igualitária todos os espaços, chegando de maneira diferente a população das diversas regiões e estratos sociais. Isso também é observado na relação campo-cidade. Apesar de que haja certa homogeneização desses dois espaços, não se pode ignorar que grande parte da população que reside no meio rural ainda constitui uma parcela desprovida de condições de acesso a muitos tipos de bens de consumo material e não material. Segundo Wanderley (2000, p.134):



O processo de “modernização rural”, como foi visto, é extremamente complexo e não pode ser entendido simplesmente como o “fim da agricultura” ou o “fim do rural”. A modernização da sociedade nos espaços locais/rurais tem como fundamento a crescente “paridade social”, isto é, a similitude entre as condições de vida das populações que vivem nas cidades e no meio rural e a também crescente disponibilidade, no meio rural, daquilo que ainda é definido como o padrão de “conforto urbano”. (WANDERLEY, 2000, p. 134)

Essa similitude pode ser reflexo de uma homogeneização cultural, estabelecida em conformidade com o a atual configuração do processo de globalização, que reflete também na modernização, na busca pela renovação. No campo isso pode ser observado pela estrutura que se estabeleceu na paisagem, nas casas de arquitetura moderna, repletas de equipamentos eletrônicos e aonde os maquinários agrícolas cada vez mais sofisticados são necessidades que se apresentam aos produtores para conseguir rendas melhores.

Na vila essa similitude com o espaço urbano também é percebido na paisagem, todavia, muitas características rurais são preservadas. Isso é reflexo da capacidade dos sujeitos em se adequarem a novas posturas, para terem uma vida confortável dentro dos padrões capitalistas atuais, mas mantendo os vínculos com a identidade rural, com a simplicidade do campo.

Dessa forma, essa fragmentação da identidade dos sujeitos pode criar novas identidades, novas posições de identificação. Segundo Hall (2006) a fragmentação dos códigos culturais, a multiplicidade de estilos, a ênfase em tudo que é transitório, na diferença e no pluralismo cultural em escala global é o pós-moderno global. Segundo esse autor:

Em toda a parte, estão emergindo identidades culturais que não são fixas, mas que estão suspensas, em *transição*, entre diferentes posições; que retiram seus recursos, ao mesmo tempo, de diferentes tradições culturais; e que são o produto desses complicados cruzamentos e misturas culturais que são cada vez mais comuns num mundo globalizado. (HALL, 2006, pág. 88)

Para Hall (2006, p.89) na modernidade tardia, outro tipo de identificação que os indivíduos podem ter são as culturas híbridas. Os integrantes dessa cultura híbrida devem-se acostumar a ter ao menos duas identidades, levando consigo os seus traços culturais, mas adaptando-se as novas cargas que recebem todos os dias.

A vila do distrito representa essa sensibilidade na descontinuidade da fronteira entre a cidade e o campo, entre o urbano e rural, pois nela existem características físicas e culturais do meio rural, como as hortas e pomares cultivados pelos moradores e os espaços destinados à criação de animais para consumo – o que confere a vila sons,



sensações, cores, formas, distribuição de espaços caracteristicamente rurais - e o desejo, por parte dos moradores de que exista nesse espaço estruturas como academia de ginástica, *internet*, *lan-house*, *shopping*, entre outros, características simbólicas das cidades.

Segundo Barreto (2011, p.16) algumas especificidades devem ser consideradas quando se fala em distritos rurais:

“[...] os distritos devem ser pensados em sua totalidade, o que envolve as relações econômicas, políticas e culturais presentes nesses locais e as relações com as sedes municipais, não sendo entendidos como oposição campo-cidade, mas sim na sua relação com a cidade.” (BARRETO, 2011, p. 16)

Um amplo contexto de análise deve ser feito para compreender os distritos rurais, não somente em suas relações com as cidades próximas e a sede municipal, como nas relações internas desses espaços, pois os distritos são espaços de ligação entre cidade e campo, exprimindo assim, essas duas identidades culturais, que devem ser consideradas para abranger toda a complexidade de relações nesses locais.

#### **A vila do Distrito: algumas respostas**

Para identificar os traços culturais e a influência das modernidades na (re)criação ou negação da sua cultura local, no mês de outubro de 2010, foi realizada uma pesquisa de campo junto a quarenta moradores da vila do distrito de Guaragi, questionados sobre seus hábitos e costumes. Escolhidos de maneira aleatória buscaram-se contemplar diversos pontos na vila entrevistando os moradores em suas casas. O questionário foi elaborado por um grupo de pesquisas sobre distritos rurais, de forma a compreender questões que possibilitassem o entendimento de traços culturais dos moradores da vila, auxiliando na compreensão da cultura local.

Por meio das respostas foi possível perceber as mudanças que ocorrem. Muitos deles mantêm os equipamentos e utensílios que remetem a vida rural e que trazem ao cotidiano das atividades campesinas – como o fogão a lenha, que traz consigo um conjunto de significados e atividades, como o cozimento lento da comida, a necessidade de madeira para funcionar, logo a aquisição de um machado e a habilidade em cortar a madeira. Contudo, também possuem diversos utensílios que, a princípio, possuem características mais urbanas e que mantêm os moradores da vila conectados ao sistema de informações global como computadores, celulares e televisão.



Muitos dos moradores entrevistados guardam e/ou utilizam em seu cotidiano objetos que remetem ao campo, como a panela de ferro, onde os alimentos são cozidos lentamente, os móveis antigos herdados dos pais e avós, onde é preservada a lembrança da família, e os enfeites com imagens de santos, flores, quadros de família com fotos antigas. Também as máquinas de costura para algumas mulheres auxiliam no complemento da renda e mantém a sabedoria adquirida com as antepassadas de costurar as próprias roupas ou consertá-las, são utilizadas como enfeite ao mesmo tempo. Entre os moradores entrevistados, noventa e oito por cento possuem televisão e oitenta por cento têm rádio ou aparelho de som (sessenta por cento), o que indica que os moradores têm acesso às mídias.

Falando sobre a televisão, a sociedade de consumo e a cultura de massa, Claval (2007, p. 76) diz que “Esses potentes meios de teledifusão que atuam nas fronteiras culturais ou políticas têm um impacto sobre a aculturação dos jovens e sobre o conjunto das populações”. Além do contato, quando estão nas cidades, é por meio das propagandas exibidas nos meios midiáticos que a população da vila tem conhecimento das modernidades e desenvolve o anseio por possuí-las.

Os traços culturais dependem da intensidade de relação e da comunicação para ser difundidos. Na vila, todas as pessoas entrevistadas têm acesso aos meios de comunicação, principalmente televisão e rádio, e deslocam-se as cidades vizinhas com frequência, seja através de seus próprios veículos seja pelo uso de transporte coletivo; a divulgação das características de vida urbana tem fácil difusão entre os moradores da vila.

Apesar dos moradores possuírem computador, nem todos tem acesso à internet, o que segundo os mais jovens é uma necessidade tanto para o lazer quanto para o aperfeiçoamento profissional. Muitos moradores possuem aparelho celular, mas nem sempre a comunicação é possível por restrições nas redes de transmissão de sinal. Todos os entrevistados possuem geladeira e a maioria tem fogão a gás, aparelho de som, e telefone residencial, o que pode indicar que a renda dos moradores possibilita a aquisição de bens de consumo duráveis.

O distrito como espaço rural com características de urbanização, pode ser visto como um espaço de consumo, onde se pode estabelecer um local de moradia com as características de um espaço rural, ou seja, a proximidade com a natureza, a tranquilidade, as relações de vizinhança, e a proximidade com o centro urbano, que facilita o acesso a diversos bens de consumo e possibilita ao morador distrital os confortos dos signos urbanos.



A paisagem rural do distrito está recebendo novos significados, e ela compõe um dos principais atrativos do espaço distrital para as pessoas de origem urbana. Essa paisagem conta com as edificações que os moradores mantêm em suas residências, que apresentam características peculiares ligadas a vida rural, como o paiol e a despensa usados para armazenar equipamentos e grãos em pequenas quantidades, e o poço que é preservado mesmo sem utilização, pois o distrito tem acesso à água tratada.

A paisagem rural ainda ajuda na preservação e reprodução das tradições culturais rurais, associadas ao trabalho no campo, como no caso das hortas, a criação de animais para consumo próprio e o cultivo de pomar. Algumas dessas atividades contam com equipamentos que são agregados a paisagem como pocilga, cercados, galinheiros, estábulos de pequeno porte. Todo esse conjunto faz parte da construção da identidade do sujeito no seu cotidiano, pois o sujeito vê, sente e vivencia as práticas rurais e constrói o espaço com base nessas experiências.

Muitos entrevistados têm o hábito de cultivar horta em seus quintais, onde são agricultadas verduras e legumes para a alimentação diária da família (alface, couve, tomate, repolho, beterraba, pepino, temperos e chás medicinais); no pomar são cultivadas as frutas (laranja, mimosa, poncã, jaboticaba, uva, maçã, pêra, tangerina, pêssego, abacate, banana, abacaxi e outros); e também são criados animais (galinhas, porcos, carneiros, patos, entre outros).

Segundo Claval (2007, p. 273) “O conjunto de receitas que constituem uma cozinha reflete, pois, as técnicas utilizáveis. [...] A arte de preparar pratos traduz mais do que condicionantes técnicas. Ela deixa transparecer também as preferências coletivas.” Na vila do distrito, o preparo dos alimentos é feito para a própria família, e apenas um entrevistado informou que os alimentos preparados em casa são usados como forma de complementar a renda.

As famílias têm o hábito de fazer as refeições juntos – oitenta e oito por cento dos entrevistados afirmaram fazer, ao menos uma refeição reunidos com a família durante os dias úteis – e nos fins de semana a família se reúne, incluindo os filhos já casados e parentes que vão ao distrito fazer visita. As famílias preservam o costume de preparar em casa alimento como pão, doces, conservas e temperos – feitos com a produção do pomar e da horta -, bolos e outros alimentos (bolachas, sobremesas, empadas, pães-de-queijo, tortas salgadas, vinhos e sucos).

Apesar de manterem muitos costumes alimentares, ocorreu também na vila, a modernização da culinária, com o abandono de alguns hábitos de alimentação típicos rurais por produtos industrializados, como refrigerantes e cervejas, como é possível



perceber pelos consumos de bebidas. Contudo, muito ainda é preservado como o hábito de beber chimarrão.

Com a facilidade de acesso aos centros urbanos próximos, as compras de mantimentos são feitas nos supermercados ou hipermercados das cidades próximas principalmente Ponta Grossa e Teixeira Soares – pois, segundo os entrevistados, os preços dos produtos na vila são muito elevados e são comprados nas mercearias do local apenas complementos ou mercadorias que faltam durante o mês.

Algumas pessoas entrevistadas, as que possuem mais idade, por apresentarem dificuldade de locomoção para fazer as compras, adquirem de um vendedor ambulante, todo mês, uma cesta que contém diversos itens. Nos comércios das cidades, os moradores podem encontrar produtos que não são encontrados na vila, como fármacos, e também serviços que não são prestados no local, como atendimentos bancário, faturamento de contas e demais serviços bancários.

No distrito é possível perceber uma diversidade étnica muito grande. Segundo Bauchowitz (2009, p.32), a população é constituída por caboclos e imigrantes dentre os quais bielo-russos, alemães, italianos, poloneses, ucranianos e afrodescendentes. Não há no local nenhuma vestimenta típica, contudo, os moradores diferenciam entre as roupas usadas no dia-a-dia, no trabalho e as que são usadas para lazer.

As relações sociais têm muita importância na manutenção da cultural local. Através do contato, da conversa, da troca de informações e ideias, os indivíduos interagem uns com os outros, podem adquirir novos conhecimentos e, assim, alterar sua maneira de pensar. Nas conversas informais, os sujeitos trocam experiências e, coletivamente, constroem a sua identidade.

Na vila do distrito, as rodas de conversas são mantidas. Geralmente o encontro se dá entre as famílias ou vizinhos (em alguns casos há as “rodas de chimarrão”), que se reúnem para contar histórias, conversar, para trocar conselhos, conversar sobre o passado, para fazer orações ou conversar sobre religião ou simplesmente para se encontrar com as pessoas queridas. Todos os entrevistados disseram que recebem visitas, mas não são todos que as fazem. As pessoas mais idosas preservam o costume de visitar seus amigos e familiares, também porque não há outras opções de lazer para essa faixa etária na vila. As visitas são feitas nos finais de semana, por compadres e parentes.

Outra forma de relação social, o namoro, divide opiniões na vila. Para muitos entrevistados, atualmente o namoro é muito liberal. Para outros, contudo, ainda é importante se preservar o namoro a “moda antiga”, em casa, sob a supervisão dos pais. É



possível perceber que cada família preserva a sua maneira no que diz respeito aos relacionamentos, alguns com maior autoridade, outros de forma mais liberal, entretanto, mantendo-se o respeito típico do campo.

Quanto às crianças a maioria ainda tem como entretenimento brincadeiras tradicionais como pega-pega, esconde-esconde, bete-ombro, pular-corda, boneca, pipa, carrinho e andar de bicicleta, mas já utilizam brinquedos como o vídeo-game. Segundo os entrevistados, as crianças não costumam mais fazer os seus brinquedos, sendo a maioria comprada.

O estilo de música mais apreciado, por todas as faixas de idade é o sertanejo – universitário e de raiz – seguido pela música gospel. Os programas mais assistidos são novelas e telejornais, e o hábito da leitura não é muito grande, apenas alguns entrevistados costumam fazer leituras – entre elas de jornais, revistas, livros, bíblia, e “gibis” de histórias em quadrinhos. Há uma diversidade religiosa muito grande, são nove igrejas diferentes, distribuídas na vila, todavia, o maior número de adeptos é da religião católica - setenta por cento dos entrevistados são católicos e trinta e três por cento evangélicos – o que pode denotar certo conservadorismo religioso, mas a maioria dos entrevistados diz achar positivo o aumento no número de religiões no local.

A religiosidade é expressa através dos hábitos religiosos dos moradores. A tradição da capelinha é preservada na vila, e grande parte dos entrevistados recebe-a uma vez ao mês. Apesar de muitos costumes serem preservados, alguns outros aos poucos, são perdidos como a crença em benzedeadas, sendo que dos entrevistados vinte e oito por cento disseram ter o hábito de ir procurar as bênçãos dessas pessoas, mas vinte e sete por cento disseram que não acreditam, não tem esse costume ou que a religião não permite. Os fiéis das diversas religiões costumam se reunir em celebrações religiosas.

Nas relações sociais que estabelece com o meio onde vive e com as sociedades com as quais interage, recebendo continuamente a influência de fatores externos provenientes, sobretudo, do contato com o urbano e com as mídias – o morador da vila não perde suas características rurais. Apesar da intensificação das trocas com o urbano - sejam elas dos símbolos, dos produtos ou dos pensamentos – a coletividade dos moradores da vila do distrito de Guaragi não passam por um processo de desestruturação do sistema sociocultural rural, pois as mudanças não ocorrem de maneira homogênea para as pessoas e nem mesmo na vila. Carneiro (1998, p.52) quando fala do contato entre o rural e o urbano diz que:



As novas experiências engendradas contribuíram para criar uma diversidade social e cultural que é também condição de existência da sociedade na medida em que alimenta as trocas ao enriquecer os bens (culturais e simbólicos) e ampliar a rede de relações sociais. A heterogeneidade social, ainda que produza uma situação de tensão, não provoca obrigatoriamente a descaracterização da cultura local. (CARNEIRO, 1998, p. 58)

Nessa integração, o modo de vida rural dos moradores sofre um processo de reestruturação nos âmbitos social, econômico e cultural. A afirmação do modo de vida rural na vila pode ser percebida quando cidadãos vão para o distrito procurando vivenciar experiências bucólicas, práticas do modo de vida rural e o consumir bens simbólicos e materiais que são tidos como rurais. Mas essas mesmas pessoas não se absterem dos confortos urbanos como infraestrutura, aparelhos eletrodomésticos, mobílias e víveres que tragam mais conforto a sua estadia no distrito e estão relacionadas com a vida urbana.

Portanto, a integração espacial e cultural com o urbano, para o morador da vila, é proporcional a condição que o indivíduo tem em acessar os meios de comunicação e transporte. Contudo, é principalmente através do contato direto com o urbano - quanto mais intenso é esse contato, maior é a difusão dos traços culturais - ou através da mídia televisiva, que grande parte das modernidades chega ao distrito, não de modo homogêneo, mas influenciando novos hábitos e desejos de consumo. As tecnologias, levadas de sociedades e espaços distintos, podem exercer controle em um lugar criando e recriando significados, reafirmando ou negando tradições e hábitos já estabelecidos.

Apesar da intensificação das trocas com o urbano sejam elas dos símbolos, dos produtos ou dos pensamentos a coletividade dos moradores da vila do distrito de Guaragi não passam por um processo de desestruturação do sistema sócio-cultural rural, pois as mudanças não ocorrem de maneira homogênea para as pessoas e nem mesmo no espaço da vila. Todavia, passam por um processo de reestruturação nos âmbitos social, econômico e cultural.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com o processo de aproximação cada vez mais intenso entre cidade-campo, rural-urbano, muitas características desses espaços são modificadas, as ações se modificam e os sujeitos também. Os meios de comunicação e a facilidade de contato com os centros urbanos oferecem a possibilidade de integração com o espaço local, regional e ao mundo aos moradores da vila.



Assim, a identidade pode ser modificada, reconstruída ou reafirmada, uma vez que as novidades/mudanças podem ser aceitas ou não, absorvidas totalmente ou parcialmente, e a realidade, em rápido movimento, reflete nas características dos sujeitos que habitam esses espaços. O contexto de um espaço de transição entre urbano e rural dá a ele características únicas que devem ser consideradas para oferecer qualidade de vida à população.

Os distritos são subdivisões dos municípios para melhor administração de recursos e atendimento da população, mas quando não há conhecimento sobre a realidade local torna-se difícil cumprir essa tarefa. No caso do Distrito de Guaragi, a pouca representatividade na economia municipal é um dos fatores que torna o espaço opaco para o governo municipal, também a falta de representatividade e organização política dificultam ainda mais a expressão local frente ao Poder Público, que desconhece as necessidades dos moradores da vila. O contexto de um espaço de transição entre urbano e rural dá a ele características únicas que devem ser consideradas para oferecer qualidade de vida à população.

Os centros urbanos são buscados, sobretudo para atender necessidades básicas que não são supridas na vila como saúde, educação, emprego e lazer. A falta de certas infraestruturas no distrito impede o desenvolvimento técnico e informacional desse lugar, ou ao menos a maior fluidez desses fatores, o que causa a estagnação econômica local.

Contudo, todos os projetos a serem desenvolvidos para a vila, devem atender às necessidades de melhoria na qualidade de vida da população, mas também considerar que certas características locais precisam ser respeitadas, sobretudo aquelas que recebem grande valor dos moradores como a tranquilidade do lugar, pois os traços culturais urbanos que chegam à vila associados às características rurais expressas nos hábitos e no comportamento da população compõe a dualidade que expressa o atual contexto social e cultural do distrito.

Deste modo, é necessário compreender que a aproximação entre os territórios da cidade e do campo coloca as realidades em rápido movimento, e os sujeitos que habitam esses espaços refletem as características desse contato. Portanto, os recursos culturais locais devem ser percebidos e usados como fatores que podem favorecer o desenvolvimento local, auxiliando na melhoria da qualidade de vida da população.

#### **REFERÊNCIAS:**

BAGLI, Priscilla. Rural e Urbano: Harmonia e Conflito na Cadência da Contradição. In.: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; WHITACKER, Arthur Magon (Org.). **Cidade e**



**Campo:** relações e contradições entre urbano e rural. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010, p.9-31.

BARRETO, Vanessa Marques. **As Especificidades no Processo de formação Histórico-Geográfico no distrito de Guaragi – Ponta Grossa (PR)**. Ponta Grossa, 2011 – Dissertação (Mestrado em Geografia - Gestão do Território) – Universidade Estadual de Ponta Grossa – PR.

BAUCHROWITZ, Luciane. **Caracterização dos distritos de Guaragi e Uvaia: uma contribuição para o planejamento distrital do poder público do município de Ponta Grossa (PR)**. 2009. 45 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Bacharelado em Geografia), Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2009.

BERNARDELLI, Mara Lúcia Falconi da Hora. Contribuição ao debate sobre o urbano e o rural. In.: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; WHITACKER, Arthur Magon (Org.). **Cidade e Campo:** relações e contradições entre urbano e rural. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010, p.33 - 52.

CARNEIRO, Maria José. Ruralidade: novas identidades em construção. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, n. 11, p. 53-75, out. 1998. Disponível em: <<http://r1.ufrj.br/esa/index.>>. Acesso em: 18 jun. 2011.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. 3ª Ed. Florianópolis: UFSC, 2007.

CORRÊA, Roberto Lobato: A Geografia Cultural e o urbano. In.: CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny. **Introdução a Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 167- 186.

CUCHE, Dennis. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Lisboa, ed. Fim de Século, 1999.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11a ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Banco de dados agregados. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br>. Acesso em agosto de 2011.

KAISER, Bernard. **La renaissance rurale**: sociologie des campagnes du monde occidental. Paris: Armand Colin, 1990, 316 p.

MONTES, Silma Rabelo. **Entre o Campo e a Cidade:** as territorialidades do Distrito de Tapuirama (Uberlândia/ MG) – 1975 a 2005, 2006, 105f. Dissertação (Mestrado em Geografia: Geografia e Gestão do Território) – Programa de Pós Graduação em Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006.

PROULX, Marc-Urban. **Le rôle des territoires dans la régulation de l'économie-monde**. Québec, Association des Aménagistes du Québec, 1997.



SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo. Razão e Emoção. 4 ed. Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; WHITACKER, Arthur Magon (Org.). **Cidade e Campo**: relações e contradições entre urbano e rural. 2a ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas – o “rural” como espaço singular e ator coletivo. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, n. 15, p. 87-145, out. 2000. Disponível em: <<http://r1.ufrj.br/esa/index.php>>. Acesso em: 1 jun. 2011.

WHITACKER, Arthur Magon. Cidade imaginada. Cidade concebida. In.: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; WHITACKER, Arthur Magon (Org.). **Cidade e Campo**: relações e contradições entre urbano e rural. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010, p. 131 - 155.